

Autoria: Arthur Ribeiro Queiroz*

A CONJUNTURA INÓSPITA À ESQUERDA

No princípio da Primavera Brasileira, nas grandes mobilizações de Junho de 2013, já havia sinais de que os caminhos para a esquerda estariam prestes a encontrar sinuosidades pela frente. Assim como pontuou o jornalista Luis Nassif, um dos marcos centrais desse movimento, a acertada vitória dos grandes meios de comunicação em tratar as manifestações como principalmente contrárias à PEC 37 - em que se reduzia o poder de investigação do Ministério Público -, já demonstrava indícios de que tal meio seria instrumentalizado como uma forma de perseguição futura às lideranças políticas à esquerda.

Além disso, configurava-se, há mais de uma década, um Brasil responsabilizado em manter boas relações com países vizinhos da América Latina, visto que, também nos últimos anos, foram eleitos governos que mantinham uma posição no espectro político que se assemelhava àquela pela qual o Brasil era administrado. Essa preocupação em manter as relações latino-americanas é refletida, por exemplo, com o fortalecimento do bloco econômico do MERCOSUL e a configuração da UNASUL - União de Nações Sul-Americanas - em 2008. No entanto, com a chegada da crise econômica, a derrota de Evo Morales no referendo boliviano por uma terceira eleição, a derrota do kirchnerismo na Argentina, a vitória de Maurício Macri e a crise do Partido dos Trabalhadores no Brasil, o cenário significativamente benéfico para a esquerda passa a ceder.

Dessa maneira, o consequente avanço do conservadorismo, preenchendo as lacunas deixadas pela esquerda, é cada vez mais retratado no cenário internacional e também internamente. Um retrato evidente desse processo é o crescimento gradativo do naciona-

lismo, colocando em risco a comunicação internacional dos países e ascendendo o desprezível sentimento xenofóbico, como exemplo, o Brexit. Ademais, a vitória do partido conservador na Espanha e os passos largos de Donald Trump nos Estados Unidos da América demonstram uma situação intensamente desfavorável para a esquerda e um caminho proveitoso à direita.

No Brasil, a deflagração da Operação Lava Jato, orientada pelo juiz Sérgio Moro, caminhou de encontro à esquerda. Baseada na Operação Mãos Limpas (Mani Pulite) - ocorrida na década de 90 na Itália e que culminou na queda das principais legendas esquerdistas da época -, já era certo que essa investigação influenciasse parcialmente a cabeça do eleitor. De início, estimulando o processo de impeachment da ex-presidente Dilma para, mais tarde, refletir nas eleições municipais de 2016.

Em 17 de abril de 2016, firmou-se, na câmara dos deputados, uma derrota simbólica para a esquerda. Os 137 votos contrários ao impedimento do governo Dilma não foram suficientes para contrapor os 367 votos a favor. Tendo em vista que a esquerda se uniu para manter o mandato em questão, ficou clara a correlação de forças do congresso nacional. Desse modo, a tendência já era a de que, nessas eleições municipais, a derrota seria considerável. Contudo, como definiu o cientista político Celso Rocha de Barros, é um alívio expressivo voltar a discutir política em termos de votos e não de manobras.

PREENCHENDO AS LACUNAS DEIXADAS

O consequente aproveitamento da direita é demonstrado pelo significativo desempenho de partidos como o Partido da Social Democracia Bra-

*Estudante de Ciências Econômicas e presidente do DA – FACE/UFMG

sileira (PSDB) e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) nas eleições de 2016. Tendo em vista a conjuntura já apresentada, era evidente que tais partidos obtivessem resultados formidáveis. Para demonstração, sem transparecer qualquer desgaste, o PMDB, além de manter o número de prefeituras conquistadas, elegeu mais 14 prefeitos, passando de 1015 para 1029 prefeituras. No entanto, o desempenho consideravelmente notável foi do PSDB, sempre caracterizado como o opositor ao PT, aproveitou do desgaste adversário e conquistou 105 prefeituras a mais, passando de 686 para 791 municípios governados. Entretanto, com relação aos vereadores eleitos, o percentual garantido pelo PMDB decresceu, enquanto o do PSDB aumentou.

Outro fator utilizado principalmente pela direita nestas eleições é a preocupação em moldar um candidato “não político”, uma vez que, com a judicialização da política pela Operação Lava Jato, estimulou-se um descrédito completo na população com relação aos seus representantes. Tendo em vista que a política é o principal instrumento de mudança, a sua descrença traz sérias complicações na própria credibilidade de um gestor e também na questão de formação social do cidadão. Essa estratégia esteve notável na publicização da campanha de João Dória (PSDB-SP), tratado como o “empresário candidato”, e também, como ainda se vê, na campanha de Alexandre Kalil (PHS-MG) em Belo Horizonte. Vale salientar também, por fim, que essa é uma tendência que não foi somente observada no Brasil, já que, por exemplo, a ascensão de Macri, na Argentina, também seguiu esse trajeto.

Muito se pensava, antes das eleições, em como as legendas estreadas se comportariam, visto que os espaços a serem ocupados eram cada vez maiores. Então, é fundamental verificar se houve um desempenho notório das quais. Os partidos estreados foram o Solidariedade (SD), Partido Republicano da Ordem Social (PROS), Partido Ecológico Nacional (PEN), Partido da Mulher Brasileira (PMB), Rede Sustentabilidade (REDE) e Partido Novo (NOVO). Citados, em sequência, por ordem de ganhos nestas eleições de 2016. Logo, entre os quais, o partido que mais

angariou prefeitos e vereadores foi o Solidariedade, chegando a 62 prefeituras e 1434 vereadores. A Rede Sustentabilidade é, dentre os citados, o que mais caminha em direção às pautas de esquerda e esse fato pode ter dificultado sua performance, uma vez que teve o segundo pior desempenho e conquistou apenas 174 vereadores e 5 prefeitos. Alguns cientistas políticos já consideram a REDE como um projeto fracassado em consequência de que, como escreveu Celso Rocha de Barros, era pra ser tratada como uma terceira via do Partido dos Trabalhadores (PT), mas não conquistou nem os desiludidos do PT e nem aqueles de centro-esquerda do “centrão” do Congresso Nacional.

AS CONSEQUÊNCIAS PARA O PT E OS PROJETOS ALTERNATIVOS DA ESQUERDA

Claramente, com a conjuntura apresentada e o desempenho da direita na eleição, a tendência era a de que um dos mais tradicionais partidos do Brasil decrescesse em número de prefeituras e presenças nas câmaras municipais. O Partido dos Trabalhadores sentiu as intensas pressões sofridas no desenrolar da Lava Jato e do processo de impeachment contrário a ex-presidente Dilma. Com um índice de aprovação baixíssimo e uma gestão interna que insiste em não reconhecer os erros e realizar uma autocrítica, o PT encolheu 60,9%, diminuindo 59,4% em número de prefeituras e elegendando 44,8% vereadores a menos. O PT terminou a eleição em 2012 em seu ápice em número de votos adquiridos, para sair da terceira posição e chegar à décima em número de prefeituras conquistadas por partidos em 2016. Uma indagação que fica é quais as legendas que ocuparam esses espaços.

Para analisar os projetos alternativos de esquerda, deve-se verificar, principalmente, o desempenho de partidos como o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). O PCdoB teve um aumento tanto no número de prefeituras como no de vereadores eleitos, mas não em proporção significativa a ponto de ocupar os espaços deixados pelo PT. Os números do PSOL também aumentaram, mas nada consi-

derável. Deixou de ter uma prefeitura para ter duas e aumentou o número de vereadores em dois, de 49 para 51. Contudo, apesar dos números, o PSOL ainda surpreendeu nas eleições, conquistando, por exemplo, a representante na câmara de vereadores de Belo Horizonte mais votada, Áurea Carolina, para os próximos quatro anos. Além disso, o partido está na disputa do segundo turno em duas capitais, no Rio de Janeiro, com Marcelo Freixo, e em Belém, com Edmilson. Resultado significativo para o partido.

Apesar da profunda queda do PT nas eleições, não é possível descartar a sua grande importância, o partido se mantém como uma referência à esquerda no cenário político e possui um número de prefeitos e vereadores grande em relação a partidos ideologicamente próximos. Entretanto, o seu protagonismo pode estar em cheque no desfecho das futuras eleições.

CONCLUSÃO

Pela análise, é possível visualizar que o espaço deixado pelo PT foi, majoritariamente, preenchido pela direita com um aproveitamento, mais uma vez, considerável de partidos como o PMDB e o PSDB. No entanto, o primeiro ainda traz resultados relativamente negativos, visto que perdeu a prefeitura do Rio de Janeiro - Eduardo Paes não assegurou a vitória de seu candidato, Pedro Paulo - e a Marta Suplicy não teve resultados satisfatórios. O PSDB, talvez o mais beneficiado de todo o processo, por não carregar o desgaste do Governo Temer, apesar de legitimá-lo, conquistou a prefeitura de São Paulo em contraposição a um dos formidáveis quadros do PT, Fernando Haddad.

Além do PT rever sua gestão interna e a forma de lidar com a crise no partido, é fundamental que a esquerda repense a sua estratégia de atuação, uma vez que foi a grande derrotada nas eleições municipais de 2016. A composição do congresso reflete a posição minoritária desse bloco político no cenário nacional. Logo, é preciso reavaliar a posição a ser tomada e tendo em vista que o jogo já está posto - e é o presidencialismo de coalizão -, é notável a necessidade de uma sintonia entre os partidos

que assemelham por causas à esquerda e também é fundamental procurar meios de expandir a influência, alcançando partidos que podem ser considerados de centro-esquerda como o Partido Democrático Trabalhista (PDT) e o Partido Socialista Brasileiro (PSB).

Percebe-se, portanto, que há uma nova tendência no cenário político nacional - também pelo contexto internacional - em que os anos dourados da esquerda se encerram e a qual deve se repensar para voltar a conquistar os votos do eleitor médio. Por fim, não há dúvidas de que as esferas econômica e social sentirão essas mudanças. Um período com consideráveis ganhos sociais pode estar se encerrando em detrimento de um projeto que prevê a manutenção dos privilégios de classe.